

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO

SUELY APARECIDA GABIATTI CELINI

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARINGÁ

2011

SUELY APARECIDA GABIATTI CELINI

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Rosin

MARINGÁ

2011

SUELY APARECIDA GABIATTI CELINI

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovado em ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Rosin (DTP/ UEM)
- Orientadora -

Prof.^a Ms.^a Agatha Merega
(UEM)

Prof.^a Ms.^a Franciele Bento

Dedico este trabalho ao meu esposo,
Adenilson por todo apoio, carinho,
compreensão, serenidade e paciência
demonstrados ao longo do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu sentir sua presença nos momentos mais difíceis dessa caminhada, pois sem a sua misericórdia eu não teria conseguido alcançar a graça de concluir o curso de graduação;

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Rosin, pelo excelente trabalho que realizou, sempre atenciosa, dedicada e atuando com muito profissionalismo;

Ao meu esposo, Adenilson pela compreensão e apoio que demonstrou a cada instante;

À minha mãe, Antonia por suas orações, pelo incentivo constante, e por acreditar que eu poderia realizar meu sonho;

À minha sogra, Iria pelas palavras amigas a mim dirigidas nos momentos mais delicados dessa trajetória;

Aos meus filhos, por compreenderem minhas ausências em sua vida, e por terem me ajudado sempre que precisei.

A brincadeira na Educação Infantil

Suely Aparecida Gabiatti Celini¹

Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Rosin²

RESUMO: Inúmeros estudiosos do comportamento infantil têm dedicado-se a investigar sobre a importância do ato de brincar para os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. As pesquisas realizadas até o momento caracterizam esse tipo de atividade como fundamental para o desenvolvimento físico e psíquico, pois ela é um dos meios pelos quais a criança aprende a conhecer o mundo e a lidar com situações novas, além de atuar significativamente na melhoria do processo ensino-aprendizagem, especialmente na educação infantil. Ao considerar tais constatações, propomos, neste trabalho, uma reflexão sobre a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança e sobre a possibilidade de ela ser utilizada como recurso pedagógico na educação infantil. Para isto, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de compreender qual é a concepção de alguns autores acerca do ato de brincar; que importância esses estudiosos atribuem à brincadeira para o desenvolvimento da criança; e de que maneira o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil aborda o assunto. Concluído o processo reflexivo, verificamos que, de fato, brincar contribui positivamente o processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Aprendizagem. Brincadeira

Introdução

Iniciei o curso de magistério em 2004, após ficar afastada dos bancos escolares por mais de vinte e dois anos. Durante os quatro anos de magistério, muitas coisas boas me aconteceram, e a melhor delas foi o convite para trabalhar em um colégio particular de Maringá, auxiliando uma professora titular do antigo pré III, atividade que desenvolvi por dois anos. No ano de 2008, quando iniciei o curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, recebi um convite para assumir o infantil II, onde atuo até hoje, o que me permitiu associar teoria e prática no decorrer de meu processo de formação.

Ao longo desses seis anos de experiência no magistério, um assunto tem me causado inquietação: o modo como as brincadeiras são propostas na educação infantil, o que me impulsionou a ler alguns autores que comentam sobre a importância do ato de brincar para o desenvolvimento da criança. No segundo ano do curso de Pedagogia, quando estive presente em dois centros de educação infantil para cumprir a disciplina de estágio, a comparação entre as práticas educativas lúdicas desenvolvidas na escola privada e na pública foi inevitável, fato que só aumentou meu interesse em desenvolver uma pesquisa sobre o assunto.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (PR).suelicelini@hotmail.com

² Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá. sheilarosin@onda.com.br

O que mais chamou minha atenção no período em que realizei o estágio foi o modo como a professora da turma apresentava as brincadeiras para as crianças e a postura assumida por elas durante o desenvolvimento de atividades lúdicas: na maioria das vezes, os brinquedos – quase todos quebrados – eram despejados no chão e brincar representava o momento de a professora preparar suas aulas, enquanto esperava a hora do recreio. Ao contrário do que observei em sala, acredito que a brincadeira, mesmo acontecendo em um momento livre, deveria ser observada pela professora para que ela pudesse não só aprender com os alunos, mas também planejar suas próximas aulas tendo em vista as necessidades apresentadas por eles nesses instantes de distração.

As brincadeiras sempre fizeram parte de minha ação pedagógica. Em alguns momentos elas são preparadas com fins específicos, em outros, são concebidas como simples práticas de lazer, no entanto, mesmo nesse tipo de situação, procuro observar as crianças com o objetivo de detectar suas carências para, posteriormente, desenvolver exercícios que possam saná-las. Por meio de minhas observações, tenho conseguido visualizar, na prática, o que dizem Vigotski (2008) e Leontiev (2010) sobre o assunto: no momento em que brinca, a criança pode e deve ser livre para imaginar, transformar, modificar e construir situações que lhe permitam se desenvolver física, psíquica e socialmente.

Certa vez, a mãe de uma aluna me procurou e disse que sua filha de dois anos apresentava dificuldades para levantar sozinha do chão. Respondi que passaria a observar a criança com mais atenção e, depois, voltaríamos a conversar. Durante as aulas, notei que a menina não subia nem descia escadas, tinha muito medo, era insegura, e, em virtude disso, não conseguia desenvolver plenamente as mesmas atividades que as demais crianças.

Diante dessa constatação, percebi que era meu dever de professora fazer alguma coisa por aquela criança, afinal sua mãe confiou a mim a educação da garota por um ano, e eu, na condição de educadora, não poderia simplesmente cruzar os braços. Comecei, então, a preparar atividades lúdicas para todas as crianças, porém, meu objetivo principal era ajudá-la a superar suas limitações. Para isso, optei por apresentar as brincadeiras para a turma sempre procurando envolvê-la; no começo ela chorava muito, mas logo passou a aceitar com mais tranquilidade os jogos propostos, pois esse era um momento agradável e descontraído da aula.

As brincadeiras exigiam concentração, equilíbrio e percepção da menina. Quatro meses depois, sua mãe me procurou para agradecer pelo trabalho desenvolvido, pois as pessoas da família tinham percebido o crescimento de sua filha. Entretanto, essa não foi a maior recompensa que recebi, minha maior alegria aconteceu no dia em que, no pátio, na hora da brincadeira livre, enquanto eu observava as crianças, vi aquela garota subindo no

escorregador: ela parou por um instante, olhou para mim, sorriu, depois escorregou. Essa é uma cena que jamais se apagará de minha memória, pois aquilo poderia representar uma atividade corriqueira para uma criança de sua idade, mas para ela, mesmo com minha ajuda, era algo muito difícil de realizar.

Diante dessa experiência concreta que revela que o ato de brincar pode contribuir positivamente o desenvolvimento da criança, buscamos, neste trabalho, refletir sobre a importância das brincadeiras na educação infantil e sobre a possibilidade de elas serem utilizadas como recurso pedagógico nessa etapa da educação básica. Para isto, ancoramos nossa pesquisa na teoria histórico-cultural, da qual Elkonin (2009), Leontiev (2010) e Vigotski (2008) são alguns dos mais notórios representantes.

Os autores que discutem em suas obras questões relativas ao assunto afirmam que a criança desenvolve-se por meio da brincadeira, pois atividades dessa natureza lhe permitem entrar em contato com o mundo adulto; imaginar uma ação partindo de qualquer relação social com a qual tem contato (pai e filho, professor - aluno, médico e paciente etc.), o que possibilita à criança fantasiar suas vontades e as realizar enquanto brinca.

Para Kishimoto (2010, p.20) isso acontece, por exemplo, quando a menina manuseia uma boneca, atitude que a auxilia não só a desenvolver os movimentos do corpo, mas também a simular a ação de embalar um bebê, imitando, por meio da brincadeira, a postura de mãe, identidade que assumirá na idade adulta. A autora comenta também que, ao brincar, a criança fantasia suas ações expressando aspectos da realidade, sob essa perspectiva, a brincadeira é concebida como uma maneira natural de as crianças interagirem entre si, tendo como estímulo as relações humanas do cotidiano. Isso significa que o brinquedo não é apenas a reprodução de um objeto, mas uma representação do social do qual a criança faz parte.

Para melhor expor o conteúdo pertinente à pesquisa, segmentamos o artigo em três seções. Na primeira, discorremos sobre o modo como Elkonin (2009), Leontiev (2010) e Vigotski (2008) concebem a brincadeira e sua importância para o desenvolvimento da criança. Na segunda, expomos as considerações de autores como Borba (2006), Araujo, Miguéis & Nascimento (2009) e Wajaskop (2001) sobre as relações existentes entre o ato de brincar e o desenvolvimento dos pequenos por meio da experiência social estabelecida com o mundo dos adultos. Na terceira, por fim, procuramos compreender como essas mesmas autoras analisam a relação que a criança estabelece com o brincar no âmbito da escola e qual seria o papel do professor como mediador dessa relação.

1. A concepção do brincar para Vigotski, Leontiev e Elkonin

O ato de brincar é visto por alguns estudiosos do comportamento infantil como uma atividade capaz de mediar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em idade pré-escolar. Sob essa perspectiva, a brincadeira é entendida como uma prática fundamental por ser um dos meios pelos quais a criança aprenderá a conhecer o mundo a sua volta a partir do momento em que entra em contato com situações novas a cada dia. Partindo desse pressuposto, passamos, agora, a verificar como a teoria histórico-cultural entende o papel da brincadeira para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Segundo Vigotski (2008), não se deve definir a brincadeira como um simples exercício que oferece prazer à criança, pois outras atividades podem lhe proporcionar essa experiência prazerosa, como é o caso do ato de chupar chupeta. De acordo com o autor, a idade pré-escolar do indivíduo em formação é marcada por desejos que não podem ser realizados de imediato, possibilitando, assim, que ele se imagine inserido em um “(...) mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo”. (VIGOTSKI, 2008, p. 109)

Leontiev (2010), por sua vez, afirma que a brincadeira pré-escolar é construída mediante uma ação voluntária, ou seja, no momento em que a atividade lúdica acontece, ela não é planejada pela criança, a qual apenas manuseia os objetos que estão ao alcance de sua realidade, tentando aproximar-se do mundo dos adultos. O autor explica que, no momento em que a criança brinca, sua ação está canalizada na representação do real, isto é, nas atitudes dos adultos.

Ao brincar, a criança fantasiará suas ações de modo a construir um elo de ligação entre dois mundos: o real e o imaginado durante as atividades que lhe entretém. Em suas brincadeiras, não basta à criança agir como um adulto, ela precisa, mais do que isso, ser o adulto, pois, como afirma Leontiev (2010, p.21), “(...) não basta para a criança contemplar um carro em movimento ou mesmo sentar-se nele; ela precisa agir, ela precisa guiá-lo, comandá-lo”. Tudo isso é importante visto que, conforme destaca o autor, é por meio das ações lúdicas que a criança resolverá a contradição de, por exemplo, querer agir como adulto e a impossibilidade de executar determinada ação, em virtude da falta de desenvolvimento físico, intelectual e emocional que lhe permita assim proceder.

Segundo Leontiev (2010), quando uma criança brinca sua ação não está canalizada no resultado final da brincadeira, mas em si mesma, isto é, o que importa para ela naquele

momento é simplesmente brincar. Vigotski (2008), por outro lado, menciona que o que importa para criança quando ela brinca é o objeto utilizado no momento da diversão, porém, não é qualquer objeto que pode representar a realidade, esse processo só se efetiva plenamente quando ela imagina sua ação e a realiza de modo consciente.

Caso a criança se proponha a brincar de “cavalinho”, a intenção não resulta em montar em um objeto qualquer, mas em algum que possa representar um cavalo. Nas palavras do autor: “(...) o palito de fósforo não pode ser um cavalo uma vez que não pode ser usado com tal, diferentemente de um cabo de vassoura” (VIGOTSKI, 2008, p. 116). Sendo assim, na brincadeira, o ponto importante é o significado das coisas e não o objeto em si, pois o que importa para a criança, no momento em que ela brinca, é aproximar-se do real tomando como ponto de partida o objeto que tem em mãos. Nesse sentido, ao incluir em sua brincadeira uma situação na qual alguém esteja doente, por exemplo, a criança poderá usar uma madeira para representar a ampola da injeção, um líquido imaginário para representar o álcool, e um pedaço de papel para simbolizar o algodão.

Adotando uma postura semelhante à defendida por Vigotski (2008), Leontiev (2010) afirma que não é qualquer objeto que pode substituir o real, para isso, é necessário que ele comporte a ação verdadeira imaginada pela criança. Na situação hipotética da injeção citada acima, dificilmente a criança aceitaria a intervenção de outra pessoa para trocar o objeto caso ele alterasse as regras da brincadeira.

Ainda segundo Vigotski (2008), o que deve ser relevante em uma observação é a brincadeira da criança, e não o símbolo por ela empregado no momento em que brinca. Dessa forma, o ato de brincar possibilitará à criança estabelecer um contato direto com o objeto podendo trocá-lo sempre que ele não lhe interessar mais, desde que esse objeto possa comportar uma situação real por meio do faz de conta. Isso significa que o material utilizado pela criança na brincadeira tem de aproximar-se do real comportando a ação, só assim um cabo de vassoura poderia torna-se um cavalo, ou uma trouxa de roupas, um bebê.

No momento em que a criança brinca, complementa o autor, ela faz o que lhe proporciona prazer e, ao mesmo tempo, aprende coisas novas, uma vez que está lidando com situações inusitadas a cada instante. A brincadeira, nesse sentido, faz com que a criança atue contra o impulso imediato agindo naturalmente com os conflitos e as regras do jogo: é no momento do jogo que ela mostra seu autocontrole. Para Vigotski (2008), a brincadeira possui três características importantes: a imaginação, a imitação e a regra, traços comuns a todos os tipos de atividades lúdicas, visto que, para brincar de faz de conta, a criança precisa imaginar

a brincadeira, imitar alguém, e, para que essa brincadeira funcione, é necessário que haja regras.

De acordo com Leontiev (2010, p.130), ao imitar um motorista em uma brincadeira, a criança reproduzirá a forma de agir desse tipo de profissional, pois sua “(...) própria ação é uma representação, não de um certo motorista concreto, mas de um motorista em geral”. Dessa forma, a brincadeira, com suas especificidades, é uma necessidade humana que aproxima o mundo infantil do mundo adulto, permitindo que as crianças construam uma relação com o ambiente em que estão inseridas.

Elkonin (2009, p.315), por sua vez, afirma que, no momento em que a brincadeira ocorre, a criança passa ser o que ela vai imitar. Assim, se ela pretende representar um motorista, atuará como o profissional em questão o faria, tornando o jogo protagonizado uma ação real do seu contexto. Sob essa perspectiva, ao interagir com seus colegas, ela pode, também, em uma brincadeira lúdica, mudar o nome dos objetos

O autor comenta também que alguns psicólogos consideram o jogo uma atividade com realidades próprias que busca se aproximar da realidade vivida pela criança em seu dia a dia ao dar forma aos papéis dos adultos. Nesse contexto, para poder explicar as atitudes das crianças empregadas nos jogos protagonizados, precisamos entender suas ações e as regras do jogo preparadas previamente, isto é, aquelas que determinarão como a brincadeira vai transcorrer. Esteja a criança atuando como um cobrador de bonde, um lobo, ou como uma lebre, as diferenças existentes entre uma atividade e outra residem na ação e na regra, assim, se o lobo vai caçar, automaticamente caberá à lebre correr, o que definirá o comportamento de cada criança durante o jogo em função do papel por ela assumido.

Para Leontiev (2010), durante a brincadeira a criança não pretende representar a pessoa em si, mas suas ações, para isso, ela estabelece com o objeto uma relação direta e generalizada. Se uma criança vai brincar de tomar chá, por exemplo, ela o mexerá e levará a xícara à boca representando uma imagem da ação real correspondente. Nas palavras do próprio autor:

Quando a criança está brincando, não imita nem mesmo suas próprias ações concretas; ela não dramatiza e não transmite nada especialmente característico de um certo sinal; tanto nas suas ações lúdicas como em suas operações lúdicas separadas, ela reproduz o típico, o geral. Esta é a diferença qualitativa entre a reprodução no brinquedo e a dramatização real (LEONTIEV, 2010, p. 131).

Como podemos perceber, o objeto será o meio pelo qual a criança executará suas ações de modo a reproduzir as atividades lúdicas que ela já domina. Entretanto, nem todo objeto pode representar qualquer papel na brincadeira, e nem todo brinquedo pode desempenhar diferentes funções no mesmo jogo, a função e o papel do objeto dependerão de seu caráter participativo e da influência que a criança recebe do meio em que vive.

No momento em que a brincadeira acontece, comenta Vigostki (2008), a criança se comporta de maneira diferente do habitual: ela atua como se pudesse realmente ser outra pessoa, para além de sua idade e tamanho, nesse contexto, ela poderá ser um gigante, um monstro, o mocinho, o bandido, o príncipe, a princesa, poderá montar em cavalos, dirigir carros e até construir castelos. Nesse instante, tudo que está a sua volta pode ser transformado para adaptar-se à brincadeira, assim, uma caixa de supermercado, por exemplo, pode representar um carro, e um balde vazio, um instrumento musical. O que ocorre nesse tipo de situação, segundo o autor, é uma inversão da relação objeto-significado, momento em que o objeto passa a admitir o significado que a criança imagina. Isso permite que, por meio da brincadeira, conheçamos a criança, a qual fantasiará suas vontades em uma ação imaginativa e trará para sua realidade os desafios do cotidiano, reproduzindo acontecimentos reais.

A brincadeira atua na zona de desenvolvimento proximal da criança, que, para Vigotski (2008), corresponde à distância entre o nível atual de conhecimento que ela possui para resolver problemas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, correspondente à sua capacidade de resolver problemas com a ajuda de adultos. O autor esclarece que:

A zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e o seu estado dinâmico de desenvolvimento propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação (VIGOTSKI, 2008, p. 98).

Diante dos fatos comentados até o momento, entendemos o quanto a brincadeira é importante para o processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Entretanto, apesar disso, nem todos os educadores sabem como orientar seus alunos no momento em que propõem atividades de entretenimento.

2. A importância do ato de brincar: revisitando a temática

Muitos são os pesquisadores que se dedicaram a escrever sobre a brincadeira e sua importância para o desenvolvimento da criança. Em virtude disso, nos limitaremos a trabalhar apenas com o que alguns deles têm destacado sobre o tema em questão.

Araújo, Miguéis e Nascimento (2009) procuram compreender, em seus estudos, qual a função dos jogos para o desenvolvimento da criança e que tipo de relação eles estabelecem com a organização do ensino na infância. Segundo as autoras, para que se possa estudar o jogo e o lugar que ele ocupa na psicologia histórico-cultural, é preciso concebê-lo, primeiramente, como uma atividade humana com a qual a criança entra em contato desde seus primeiros dias de vida, o que lhe permite adquirir experiência social e desenvolver sua personalidade.

Sob essa perspectiva, o jogo passa a fazer parte do desenvolvimento infantil desde a mais tenra idade, fato que, segundo a teoria histórico-cultural, possibilita o desenvolvimento cultural do homem. Portanto, os jogos de papéis tornam-se necessários para que as crianças se aproximem do mundo em que elas estão inseridas, participando das atividades dos adultos de uma forma lúdica e, automaticamente, humanizando-se.

Segundo Araújo, Miguéis e Nascimento (2009), a imaginação, constituída historicamente, é considerada uma das funções psicológicas superiores, sendo assim, o jogo é fundamental para desenvolver a imaginação da criança, que, ao jogar, reconstruirá uma situação vivenciada em seu cotidiano. Para desenvolver tais ações do mundo adulto no jogo, é necessário que a criança, antes, faça substituições, isto é, que ela encontre algum material capaz de representar o objeto utilizado na atividade realizada pelo adulto. Assim, ao imaginar uma situação real vivenciada pelo mundo adulto e a transpor para sua realidade, a criança está reconstruindo determinada situação e reproduzindo a ação original.

Para Borba (2006), as brincadeiras que nos fazem lembrar a nossa infância são as mesmas que nos levam a refletir sobre as crianças de hoje com o objetivo de verificar se elas efetivamente brincam e do que brincam. Para a autora, a experiência do brincar transpassa o tempo e o lugar, nesse contexto, ela é marcada tanto pela continuidade quanto pela mudança social e cultural, visto que a criança de hoje está inserida em um novo momento histórico, portanto, em um ambiente estruturado a partir dos valores que a cercam na atualidade, o que a faz remodelar atividades lúdicas já existentes, porém, adaptando-as à realidade da sociedade contemporânea.

A criança tem o poder de imaginar e reinventar situações capazes de produzir uma nova cultura, ou seja, situações e brincadeiras construídas a partir do ambiente que a envolve. Se uma menina tiver de acompanhar a mãe no trabalho, provavelmente essa criança tenderá a

reproduzir as ações vivenciadas pela mulher no período em que ela desenvolve suas atividades profissionais.

Para a autora, a brincadeira deve ser vista como uma forma de aprender sobre as crianças, em virtude disso, deve-se observá-las enquanto brincam para compreender de que maneira elas se organizam entre si e como resolvem os conflitos impostos pela brincadeira, pois é por meio de determinadas ações que meninos e meninas revelam suas experiências de mundo. O brincar, nesse sentido, possibilita à criança imaginar, posicionando suas ações no eixo existente entre a realidade e a fantasia. Sobre o assunto, Borba (2006, p. 4) afirma que:

A imaginação, constitutiva do brincar e do processo de humanização dos homens, é um importante processo psicológico, iniciado na infância, que permite aos sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo combinado com uma ação performativa construída por gestos, movimentos, vozes, formas de dizer, roupas, cenários etc., a imaginação estabelece o plano do brincar, do fazer de conta, da criação de uma realidade fingida.

Sendo assim, é de suma importância analisar as brincadeiras dentro do contexto em que elas são apresentadas às crianças, pois, ao permitir que os pequenos brinquem, recriando seu universo por meio da imaginação, cabe ao educador oferecer-lhes os objetos e o espaço onde eles possam atuar. Desse modo, será possível observar a postura de cada criança e compreender o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo Wajskop (2001), a brincadeira existe desde os primórdios da educação greco-romana, com as ideias de Platão e Aristóteles, os quais se utilizavam dos brinquedos na educação com o intuito de associar os estudos ao prazer. Entretanto, foi somente após a ruptura do pensamento romântico que a brincadeira ganhou espaço na educação das crianças, as quais se desenvolvem por meio da experiência social estabelecida com o mundo dos adultos, momento em que elas assimilam e recriam situações sócio-culturais que refletirão diretamente em sua vida.

O ato de brincar é uma atividade social extremamente significativa, visto que ele é compartilhado pelas crianças em momentos de interação que revelam gestos e movimentos aos quais são atribuídos significados relativos à realidade em que elas vivem. Ao comentar sobre o assunto, Wajskop (2001, p. 31) afirma que:

Na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais. No entanto, é importante ressaltar que, pelo seu caráter aleatório, a brincadeira também

pode ser o espaço de reiteração de valores, retrógrados, conservadores, com os quais a maioria das crianças se confronta diariamente.

Para a autora, o que deve ficar claro é o papel que a brincadeira exerce na vida da criança, isto é, a oportunidade de compreender regras e de desenvolver a imaginação, por meio de gestos e ações significativas impostas pelas atividades lúdicas. Ao brincar, as crianças enfrentam desafios novos a cada dia, elaboram hipóteses na tentativa de compreender o mundo que as cerca e a realidade na qual estão inseridas, o que facilita a adaptação às normas de convivência em sociedade.

Wajskop (2001) menciona ainda que a brincadeira pode ser o meio pelo qual as crianças, ao interagir entre si, compreendem as diferenças existentes entre elas, visto que, a partir do modo como cada uma se porta diante das regras e do desenrolar dos jogos, é possível identificar personalidades e gostos distintos, heterogeneidade que faz parte do mundo adulto em que esses sujeitos em desenvolvimento se inserirão posteriormente.

Em decorrência de todas as vantagens já citadas, a autora considera a brincadeira uma situação privilegiada da aprendizagem infantil, pois, por meio de uma atividade que aparentemente proporciona apenas entretenimento, a criança tem a oportunidade de alcançar um nível elevado de desenvolvimento cognitivo a partir do momento em que internaliza regras de convivência que poderão ser praticadas em seu cotidiano.

3. O brincar, a escola e a criança: relações possíveis

Araújo, Miguéis e Nascimento (2009) afirmam que defender o jogo no processo de formação da criança vai ao encontro das propostas pedagógicas que veem o lúdico como uma forma de trabalhar a educação, especialmente a educação infantil. Para que possamos compreender essa problemática, porém, faz-se necessário discutir, primeiramente, a questão dos jogos pedagógicos no trabalho educativo.

As autoras consideram as atividades lúdicas, e, em especial, o jogo de papéis, de suma importância na vida das crianças, uma vez que práticas dessa natureza trabalham com especificidades físicas relacionadas ao seu contexto social, permitindo que elas se humanizem à medida que se apropriem de ações elaboradas culturalmente. Em idade pré-escolar, o jogo é a atividade que mais se aproxima da realidade da criança, uma vez que lhe proporciona a compreensão de tudo que está a sua volta. Nas palavras das próprias autoras:

Ao discutir então as possibilidades de uso do jogo protagonizado, a questão principal que se apresenta é em relação à sua intencionalidade. Nesse sentido, não se nega o emprego do jogo no trabalho pedagógico e a sua possibilidade de criar novas necessidades nas crianças e, assim, direcionar o seu desenvolvimento. Pelo contrário, considerar o jogo como a atividade principal da criança em idade pré-escolar e elaborar uma forma pedagógica de trabalhar com ele é uma tarefa da educação infantil (ARAÚJO; MIGUÊIS e NASCIMENTO, 2009, p. 14).

Dessa forma, a ação do educador deverá ser direcionada por um tipo de material adequado e pelo conhecimento que esse profissional tem sobre o assunto a ser abordado em suas dinâmicas pedagógicas. Os materiais de apoio utilizados pelo mediador, nesse contexto, a brincadeira direcionada têm a função de enriquecer a compreensão dos papéis a serem representados por cada aluno ao longo da atividade. Uma intervenção que busca auxiliar a criança a aprender novos conteúdos por meio de jogos, tentando estabelecer contato entre sua vida e o papel por ela representado no momento em que participa da brincadeira, sem dúvida contribuirá significativamente para o desenvolvimento dos pequenos, visto que tenderá a unir tarefas prazerosas à aprendizagem dos conteúdos escolares.

Para as autoras, toda e qualquer forma de intervenção servirá para esclarecer às crianças a realidade contida nos jogos, de modo a tornar os conteúdos e as brincadeiras mais claras para elas e, conseqüentemente, contribuir com o seu desenvolvimento. Sob essa perspectiva, o trabalho do professor consiste em mediar as ações das crianças e trazer para a sua realidade as atividades a serem reconstituídas em forma de jogo.

Sendo assim, propor uma intervenção com jogos não significa simplesmente planejar situações lúdicas nas quais as crianças apenas interajam com os objetos ou reproduzam as ações dos adultos, mas trabalhar com ocasiões que revelem as relações humanas presentes nos jogos para que as crianças possam apropriar-se do conhecimento que o professor pretende lhes transmitir.

Borba (2006) afirma que a escola não se constitui apenas de alunos e professores, mas de alguns adultos e crianças que transformam o processo de constituição de conhecimentos e de culturas. Sob essa perspectiva, o que deve ficar claro ao educador é a relação existente entre o ato de brincar e o desenvolvimento, a aprendizagem e a cultura da criança, bem como o modo pelo qual a atividade lúdica poderá fazer parte do trabalho educativo.

Segundo a autora, a brincadeira faz parte da cultura de determinada localidade, a qual constitui um conjunto de práticas que vão sendo construídas e acumuladas pelos sujeitos ao longo do tempo:

O brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância compreendido como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam e agem sobre o mundo (BORBA, 2006, p. 7).

Portanto, a brincadeira está associada à formação da criança, de modo a constituí-la como sujeito de sua própria cultura nos espaços em que ela vive. Brincar, nesse sentido, é o mesmo que ser livre para explorar o mundo a sua volta, momento em que a criança poderá desafiar os limites da realidade cotidiana e expressar-se por meio de ações, construindo uma nova forma de compreender o mundo e a si mesma.

A cultura lúdica é construída ao longo do tempo por meio das brincadeiras e das experiências que permitem que as crianças compartilhem vivências. Essas brincadeiras sofrem alterações dependendo do contexto em que estão inseridas, pois diferentes localidades e diferentes culturas impõem, igualmente, comportamentos distintos por parte daqueles que participam dos jogos lúdicos, conforme comenta Borba (2006, p. 8):

Neste sentido, os alunos são influenciados tanto pelo contexto físico do ambiente, a partir dos recursos naturais e materiais disponíveis, como também pelo contexto simbólico, ou seja, pelos significados pré-existentes e partilhados pelo grupo de crianças. Desse modo, ambientes escolares organizados para a brincadeira, compostos de mobiliário e objetos vinculados de papéis familiares, rios, mares, lama e areia geram brincadeiras de moldar, pular, fazer castelos; personagens de novela conhecidas pelas crianças criam brincadeiras de papéis e cenas domésticas; super-heróis tematizam piques e brincadeiras de perseguição.

Diante de tais considerações, é evidente que se faz fundamental refletir sobre o papel da brincadeira no contexto escolar. Para isso, a autora promove algumas discussões a respeito da brincadeira na escola que incluem questões referentes ao espaço e ao tempo que as crianças têm para brincar, ao modo como elas brincam, à organização da escola e ao trabalho pedagógico. Partindo da observação desse tipo de atividade, o professor pode conhecer mais sobre as brincadeiras e sobre as crianças, além de colher informações relevantes para a “organização dos espaços-tempos escolares e das práticas pedagógicas de forma que possa garantir e incentivar o brincar” (BORBA, 2005, p.10).

Durante as aulas, o educador pode interagir com as crianças questionando do que elas gostam de brincar, observando quais brincadeiras se repetem ao longo do tempo, quais são as regras e linguagens exploradas em cada uma, além de atentar para os papéis que cada aluno normalmente assume nas atividades lúdicas. Por meio desse trabalho, certamente o professor

poderá planejar suas aulas tendo em vista aquilo que mais agrada as crianças e que, ao mesmo tempo, lhes permite a apropriação de conhecimentos exigidos pela instituição escolar.

Borba (2006) salienta também que é importante deixar claro qual é o eixo principal em torno do brincar. Para isso, é preciso que se garanta o tempo e o espaço para que as crianças criem e desenvolvam suas brincadeiras, seja no pátio, nos ambientes de recreação ou, até mesmo, na sala de aula. Nesse contexto, é preciso organizar a rotina de cada turma, incentivando a autonomia e a interação entre as crianças, além de colocar à disposição delas materiais e objetos que proporcionem descobertas e (re)significações do mundo.

A ação pedagógica, sob essa perspectiva, deve ser centrada no diálogo, na troca de experiências entre educador e educando, de modo que ambos ensinem e aprendam um com o outro. Ao assumir essa postura, o professor poderá compreender o universo da criança entendendo seu modo de ser, de agir, de pensar, bem como sua forma de relacionar-se e de criar ciclos de amizades.

Em seu trabalho, Wajskop (2001) afirma que são muitos os autores que têm discutido acerca das brincadeiras infantis, buscando compreender a relação existente entre socialização e escolarização, de modo a integrar o desenvolvimento infantil e a cultura que cada criança traz consigo para o contexto escolar. Para ela, as instituições devem ter um espaço que permita à criança brincar e, assim, socializar-se, o que constitui o primeiro passo para que ela seja inserida na cultura adulta:

A criança que brinca pode adentrar o mundo do trabalho pela via da representação e da experimentação; o espaço da instituição deve ser um espaço de vida e interação e os materiais fornecidos para as crianças podem ser uma das variáveis fundamentais que auxiliam a construir e apropriar-se do conhecimento universal (WAJSKOP, 2001, p.27).

Nesse sentido, cabe aos educadores mediar o trabalho pedagógico permitindo que as crianças desenvolvam-se por meio das brincadeiras, dos experimentos e das representações que vivem no espaço escolar. Assim, na aprendizagem da criança deve ser valorizado tudo aquilo que pode ampliar sua capacidade cognitiva, processo efetivado a partir do que ela já sabe, isto é, de seus conhecimentos de mundo, pois o resgate da experiência vivida fora da escola garante aos pequenos momentos que lhes são familiares, os quais facilitam o processo ensino-aprendizagem e estimulam o desenvolvimento de sua autonomia.

Se considerarmos todas as etapas da educação infantil, é inegável que a brincadeira é de suma importância especialmente no período pré-escolar, pois a criança que o frequenta é

um sujeito histórico e social que começa a entrar em contato com a cultura letrada institucionalizada, nesse contexto, o ato de brincar configura-se como um:

espaço de interação entre as crianças quando estas podem estar pensando/imaginando/vivendo suas relações familiares, as relações de trabalho, a língua, a fala, o corpo, a escrita [...] então esta brincadeira se transforma em fator educativo se, no processo pedagógico, for utilizada pela criança para sua organização e trabalho (WAJSKOP, 2001, p. 36-37).

A autora comenta ainda que a brincadeira não é uma atividade que surge espontaneamente, mas organiza-se sob a influência da educação informal, isto é, aquela que a criança adquire fora da escola. Desse modo, ao partir das atividades lúdicas que meninos e meninas costumam desenvolver em casa, com os familiares e colegas, o educador pode criar meios para que seus alunos aprendam brincando e brinquem aprendendo. Esse tipo de tarefa, vale ressaltar, exige que o período escolar seja organizado de modo a intercalar práticas de lazer a atividades dirigidas.

Ao tratar da importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança, não podemos deixar de mencionar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI - documento que apresenta um conjunto de orientações pedagógicas que tem como objetivo contribuir com a “implantação e implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças.” (BRASIL, 1998, p. 13)

Uma das determinações do RCNEI menciona que as instituições de educação infantil devem priorizar o cuidar e o educar, ao mesmo tempo em que precisam manter-se atentas à qualidade das ações realizadas junto às crianças, meta que se pode atingir respeitando o contexto social, ambiental e cultural do qual o aluno provém. Além disso, as escolas precisam proporcionar, nas interações e práticas sociais desenvolvidas em sala de aula, situações que permitam à criança o contato com as mais diversas linguagens e com os conhecimentos necessários para a construção de uma identidade autônoma.

O documento ainda ressalta que as instituições de educação infantil podem oferecer brincadeiras para as crianças partindo do pressuposto de que essas atividades propiciam situações pedagógicas intencionais ou aprendizagem orientadas pelos adultos, as quais devem ser diferenciadas e ocorrer de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil. Sob esse ponto de vista,

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

As crianças só poderão exercer sua capacidade de criar se houver riqueza e diversidade nas experiências oferecidas pelas instituições, sejam elas voltadas para as brincadeiras ou para aprendizagens ocorridas por meio de uma intervenção direta. O documento destaca também que a “brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o ‘não- brincar’. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isso implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica” (BRASIL, 1998, p.27).

Diante disso, o RCNEI ressalta que é preciso perceber a diferença existente entre a brincadeira e a realidade que há por trás de cada situação lúdica. Sendo assim, para brincar é preciso conhecer os elementos da realidade imediata, de modo que se possa atribuir-lhe novos significados. “Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada (Ibid.).

A brincadeira, sob essa perspectiva, permite às crianças criar, imaginar e representar por meio de sinais e gestos explorando o ambiente em que vivem, assumindo, assim, um papel enquanto brincam, prática que

favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um singular espaço de constituição infantil (Ibid.).

Para o documento, por meio das brincadeiras as crianças transformam seus conhecimentos já existentes em novos conceitos com os quais elas brincam. Esses conhecimentos anteriores são constituídos por meio da imitação de sua própria realidade, ou seja, do ambiente em vivem. Ao brincar, a criança escolhe seus companheiros e os papéis que assumirá em determinadas atividades desenvolvendo, assim, independência e autonomia.

Há, entretanto, diferentes categorias de brincadeiras, as quais se diferenciam em virtude das matérias ou recursos que exigem para se concretizar:

Nessas categorias incluem-se: o movimento, as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas, assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual, que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em recursos fundamentais para brincar (BRASIL, 1998, p.28).

Essas categorias se agrupam em outras três modalidades: brincadeiras de faz de conta; brincadeiras que utilizam matérias de construção; e brincadeiras com regras. Segundo o RCNEI, as brincadeiras possibilitam aos professores conhecer seus alunos por meio de observações, o que lhes permite acompanhar o processo de desenvolvimento das crianças, registrando o seu crescimento constituído nas linguagens; nas relações sociais; e na exploração dos recursos afetivos e emocionais de que dispõem.

Dessa forma, as ações pedagógicas de cada professor deverão ser baseadas nas observações das brincadeiras das crianças, de modo que se possam elaborar materiais adequados às atividades a serem desenvolvidas, além de utilizar um espaço estruturado que permita o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais dos alunos.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar que também faz parte do papel do professor permitir, em certas situações, que as crianças escolham o tema, os papéis e objetos a serem utilizados durante as atividades lúdicas, prática que lhes possibilitará criar novas regras para antigos jogos, descobrir emoções e sentimentos, ou seja, recriar aquilo que conhecem a partir de uma atividade espontânea e imaginativa.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos responder algumas dúvidas a respeito da importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança, além de refletir sobre a influência das atividades lúdicas no processo ensino-aprendizagem dos pequenos. Antes de dar início a esta pesquisa, tínhamos em mente que o professor só conseguiria atingir determinado resultado com a brincadeira caso ela fosse dirigida e mediada.

De certa forma isso se confirmou, pois é inegável a importância da atuação do professor em situações nas quais a brincadeira tem fins pedagógicos e mesmo naquelas que se propõem a oferecer um simples momento de lazer às crianças, conhecidas como “brincadeiras

livres”. Nesses casos, conforme comenta Borba (2005), o educador deve sempre observar a atuação dos alunos, visto que esse tipo de atividade lhe permite conhecer as crianças e aprender com elas, pois, no momento em que estão brincando, os pequenos apropriam-se de conhecimentos, habilidades no âmbito da linguagem, desenvolvem narrativas do seu cotidiano, assumem personagens imaginativos e constroem novas relações sociais, aspectos fundamentais para o desenvolvimento.

Comentamos também sobre como a brincadeira tem se constituído no ambiente escolar atualmente, e verificamos que esse processo precisa ser repensado, com vistas a proporcionar práticas que auxiliem de forma mais produtiva o desenvolvimento da criança, procurando oferecer-lhe condições para que ela aperfeiçoe sua capacidade de criar, sonhar, fantasiar, e construir, por meio da articulação entre a imaginação e a imitação, novos significados da realidade do seu cotidiano.

Referências

- ARAÚJO, E. S.; MIGUÉIS, M R.; NASCIMENTO, C. P. **O jogo como uma atividade: contribuições da teoria histórico-cultural.** *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. v. 13, n.º 2, Julho/Dezembro de 2009.
- BORBA, A. M. **O Brincar como um modo de ser e estar no mundo.** In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade: mais um ano é fundamental.* Brasília: MEC/SEF, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.* Vol. 1. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.
- ELKONIN, D. B. *A psicologia do jogo.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.*In: **O jogo e a educação infantil,** São Paulo: Cortez, 2010.
- LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* São Paulo: Ícone, 2010.
- VIGOTSKI, L. A. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola.* São Paulo: Cortez, 2001.